

PSICANÁLISE

Paulo Sérgio de Souza Jr.

# O fluxo e a cesura

*Um ensaio em linguística, poética e psicanálise*

**Blucher**

# O FLUXO E A CESURA

*Um ensaio em linguística,  
poética e psicanálise*

Paulo Sérgio de Souza Jr.

*O fluxo e a cesura: um ensaio em linguística, poética e psicanálise*

© 2023 Paulo Sérgio de Souza Jr.

Editora Edgard Blücher Ltda.

*Publisher* Edgard Blücher

*Editor* Eduardo Blücher

*Coordenação editorial* Jonas Eliakim

*Diagramação* Taís do Lago

*Produção editorial* Thaís Costa

*Preparação de texto* Ana Maria Fiori

*Revisão* Danilo Villa

*Capa* Laércio Flenic

---

# Blucher

---

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

[contato@blucher.com.br](mailto:contato@blucher.com.br)

[www.blucher.com.br](http://www.blucher.com.br)

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme

5. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua*

*Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras,

março de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios sem autorização escrita da editora.

---

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação

na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

---

Souza Jr., Paulo Sérgio

O fluxo e a cesura : um ensaio em linguística, poética e psicanálise / Paulo Sérgio de Souza Jr. -- São Paulo : Blucher, 2023.

182 p. il.

Bibliografia

ISBN 978-65-5506-342-4

1. Linguística 2. Poesia I. Título

---

22-7135

CDD 410

Índice para catálogo sistemático:

1. Linguística

# Conteúdo

Prefácio	11
Apresentação	17
Introdução	27
1. A Medusa e o espelho: Ferdinand de Saussure e a diferença	41
2. Tântalo e a iminência: Roman Jakobson e a simetria	73
3. Cassandra e o porvir: Jacques Lacan e o poético	123
Referências bibliográficas	145
Ilustrações	163
Índice onomástico	165
Índice remissivo	171

# 1. A Medusa e o espelho: Ferdinand de Saussure e a diferença

*Mas basta escutar a poesia, o que sem dúvida aconteceu com  
F. de Saussure, para que nela se faça ouvir uma polifonia e  
para que todo discurso revele alinhar-se nas diversas pautas de  
uma partitura.*

J. Lacan, “A instância da letra...”, 1957.

É Lacan quem nos adianta que, em se tratando de Saussure, algo é certo de antemão: ele não dizia tudo. Prova disso, aliás, é o fato de que “se encontraram em seus papéis coisas que nunca foram ditas em seus cursos” (Lacan, 1971/2009, p. 14). E em posse dessa nota, quando folheamos o célebre *Curso de linguística geral* em busca do termo “poesia” e de seus correlatos, não deveríamos nos deixar surpreender com o resultado então obtido: com efeito, tirante uma referência à importância do verso para reconstituições de pronúncia e uma menção aos poemas homéricos ao tratar de fala e escrita, nada mais se pode ler ali que esteja nominalmente

atribuído à dimensão do poético (cf., respectivamente, Saussure, 1916/1972, pp. 46, 227).

Ora, o leitor poderia naturalmente fazer a objeção de que Saussure não era teórico do verso ou da literatura, de modo geral; que não esteve vinculado aos estudos de estilo nem sequer à história dos movimentos poéticos: em resumo, que não era um esteta de nenhuma ordem. Consequentemente, a ausência de referências compreendidas nesse âmbito seria irrelevante; e sua eventual presença, por sua vez, não seria o suficiente para sugerir que ela remeteria a nada de essencial com relação à sustentação teórica por ele realizada, à sua argumentação propriamente dita – uma vez que esta não versaria sobre o poético como tal.

Porém, muito evidentemente não é nesse aspecto que se poderia esperar alguma alusão à poesia nos cursos de Saussure, e sim, de fato, na direção de algo que viria fazer justiça à tangência que o poético efetuou em sua obra de modo a conduzi-lo ao adensamento de uma compreensão do signo e à edificação de uma teoria da língua – e, inclusive, a uma determinada prática com a tradução (Souza Jr., 2021). Nesse sentido, então, talvez fosse plausível haver ali uma referência à poesia como lugar do desfralde daquilo que operou como causa do interesse vivo do linguista, e que não deixou de demandar seu crivo e a sua escrita teorizantes – o que denuncia minimamente, dentre muitas coisas, uma peculiaridade no seu trabalho entre os de seus contemporâneos (Fehr, 1996, p. 183). Contudo, a poesia que o preocupava, acompanhando-o em sua saga pela linguística histórica, restaria à sombra de suas gavetas – destino que, de modo geral, não era incomum aos seus escritos, o que ele próprio havia confessado (Jakobson, 1971/1973b, p. 197).

Será apenas tardiamente, então, que essas obras conhecerão seu público; e nesse segundo momento, todavia, virão envoltas naquilo que podemos chamar de uma aura de subversão; subversão do

científico pelo poético em cena nas suas anotações, pelas marcas de sua “loucura” ao longo de análises que se vão mostrar tão díspares da “sobriedade” impressa por Albert Sechehaye e Charles Bally, apesar de o segundo ter sido justamente um dos interlocutores de Saussure pelas veredas de uma pesquisa com aquilo que este chamaria de *lado pitoresco* (Saussure, 1894/1964a, p. 95) das línguas: produção, vigente entre 1905-1909, que precede e convive, em sua maior parte, com as aulas que dariam origem ao *Curso* (1906-1907, 1908-1909, 1909-1910), constituindo sobretudo os trabalhos sobre anagramas em textos antigos gregos, latinos e indianos – a obra mais importante de Saussure, na opinião de Roman Jakobson (cf. R. Jakobson, *apud* Gadet & Pêcheux, 1981/2004, p. 109).<sup>1</sup>

Dito isso, um problema se formula de imediato. Afinal, se para Saussure a realidade sonora se impõe,<sup>2</sup> não sem ser iluminada pelo fato de que o elemento vocal da linguagem é, nas palavras de Giorgio Agamben (1988/1998), o cavalo que carrega o poeta (p. 25), por que esse silenciamento da poesia naquilo que chegou até nós dos cursos por ele ministrados? – tendo cabido justamente a Saussure o trabalho de garimpar nela toda uma série de implicações que fariam a linguística se afastar do texto escrito, da diacronia; em suma, de uma certa tradição filológica como a de Friedrich A. Wolf.

Dito de outro modo: se são muito precisamente elementos da ordem do poético que parecem suscitar e reforçar a aposta de Saussure em pontos que, investidos, são capazes de impelir os

<sup>1</sup> Sobre as pesquisas anagramáticas de Saussure, cf., entre outros: Saussure (2013); Bravo (2011); Testenoire (2013); Souza (2017).

<sup>2</sup> “Uma forma é uma figura vocal que, na consciência dos sujeitos falantes, é *determinada*, ou seja, é ao mesmo tempo existente e delimitada. Ela não é nada mais; assim como não é nada menos. Ela não tem, necessariamente, ‘um sentido’ preciso; mas ela é percebida como alguma coisa que é; que, além disso, não seria mais, ou não seria mais a mesma coisa, caso se modifique o que quer que seja em sua exata configuração” (Saussure, 2002/2012, p. 37).

estudos da linguagem rumo à consolidação de uma disciplina autônoma, entendida como a linguística moderna, por que a referência aos estudos desenvolvidos por ele nesse campo é deixada de lado, em particular? – ainda que saibamos que, de modo geral, toda a sua obra acabaria por ser ulteriormente posta à margem nos estudos da linguagem.

Poderiam aventar, a esse respeito, que tal fato se deveu a Saussure ter trazido com isso, inevitavelmente, uma dimensão um tanto quanto controversa e que se expõe nos textos anagramáticos, a saber: o *sagrado*. Afinal, embora ele aparentemente nunca se tenha interrogado muito a respeito das origens do procedimento identificado nos versificadores clássicos – e aos anagramas tenha sido conferido o estatuto de restrição composicional –, justo no manuscrito em que o termo “semiologia” pode ser lido pela primeira vez “insere-se, sem demarcação visível, uma passagem em que Saussure discute a origem linguística dos nomes divinos gregos, aplicando-lhes . . . o conceito de transmissão semiológica” (Fehr, 1996, p. 183).

Contudo, essa justificativa comporia um engodo, caso se pausasse apenas na suposição de que a aproximação das duas esferas seria um tanto quanto sombria. Muito pelo contrário, sabe-se que não cabe a essa famigerada faceta da obra de Saussure prefigurar os pontos de contato entre o universo do sagrado e os domínios do linguístico. Afinal, constata-se a religião junto ao cerne de muitas das concepções remotas tanto sobre a origem da linguagem quanto sobre a diversidade das línguas; isso sem excluir, até mesmo, a sua influência em teorizações mais recentes: pensemos, por exemplo, na querela entre jesuítas e jansenistas, no século XVII – que por vezes se incendiava em função de distintas traduções da Bíblia, seus empregos lexicais e construções frasais – e nas propostas de reunificação dos povos por meio de uma empreitada de natureza linguística, cuja tentativa de maior impacto encontra seu representante



no esperanto de Ludwik Lejzer Zamenhof – projeto que, não sem motivo, é largamente amparado pelo movimento espírita (cf. respectivamente, Defize, 1988; Souza Jr. & Morais, 2007).

No entanto, uma vez que a constituição da linguística como uma disciplina inscritível na ordem das ciências supõe que se rompa qualquer vínculo com a questão do sagrado – este “ultrapassando seus limites e até em conflito de verdade com a ciência” (Lacan, 1965/1998d, p. 885) –, a suposição de que, deixando de lado essas investigações, estaríamos propriamente elidindo esse conflito não deixa de ter efeitos neutralizantes bastante desejáveis, especialmente nesse caso, em que se trata da obra de alguém historicamente alçado ao papel de fundador.<sup>3</sup> Todavia, relativamente à obra saussuriana, o sufocamento desses estudos parece não se restringir a isso, tendo um papel ainda mais sutil.

Digamos que o sagrado, com sua insistência no reconhecimento de leis, tem a propriedade de, por meio delas, assentar no domínio da proibição algumas verdadeiras impossibilidades, tomadas a partir de então como inquestionáveis: sancionando, por exemplo, o encobrimento de algumas dúvidas categóricas, sobretudo com relação à origem e aos impasses da diferença. Ora, traçar um paralelo entre as pesquisas anagramáticas de Saussure e uma espécie de delírio linguístico-religioso não serve justamente para isso? Isto é: para encontrar um lugar de conforto (no nível do *proibido*) para aquilo que os versos clássicos também lhe trouxeram (no nível do *impossível*, em contraparte à viabilidade da “boa teoria”) e que não cessou, nem cessa, de assombrar as considerações sobre as línguas naturais ratificadas por ele próprio. Como exceções que confirmam regras.

---

<sup>3</sup> Não no sentido que lhe dá Michel Foucault em *O que é um autor?*. Atente-se, assim, à diferença entre “fundar” e “fundamentar” (cf. respectivamente, Foucault, 1969/1992, p. 58; Milner, 1978/2012, pp. 50-52).

Supor em Saussure o delírio soturno da escrita íntima – agraciado por sua dificuldade generalizada com publicações e pelo seu, por assim dizer, acanhamento (quicá bom senso?) em não tratar publicamente, nos seus cursos e textos, desses assuntos delicados – tem a função de estabilizar fatores intrigantes em sua trajetória, e justifica o posterior banimento de qualquer menção a esse seu conjunto de trabalhos. Banimento, ao que parece, já iniciado em vida pelo próprio autor: basta remeter aos últimos artigos por ele publicados, entre os anos de 1909 e 1912, para notarmos que “estão bem longe de tudo o que sabemos, por meio de seus manuscritos e cartas, a respeito dos tormentos teóricos que o ocupavam há pelo menos uns bons vinte anos” (Fehr, 1996, p. 184).

Dito isso, se desejarmos alguma acuidade no entendimento daquilo com o que ele se deparou no decorrer das investigações sobre o verso – a saber, que nas línguas naturais “o fenômeno fonético é um fator de perturbação” (Saussure, 1916/1972, p. 187) –, veremos que não há como buscar conforto chamando de loucura aquilo que, muito pelo contrário, é propriamente o resultado, mesmo que desconcertante, dos empreendimentos da razão. E se acompanharmos os cadernos que desvelam o fenômeno anagramático nos textos clássicos e nas lendas do mundo antigo, constataremos – em seus rascunhos, cartas, ou ainda em suas notas esparsas sobre papéis avulsos, de modo geral – justamente as referências ao fracasso que assombrava suas tentativas de teorização; de tal modo que não custará deprendermos que, para Saussure, o poético constituiu a ambiguidade efetiva do *φάρμακον* [*phármakon*], tamanha a disponibilidade deste, em matéria de teoria, tanto para as benesses da cura quanto para a consternação do veneno.

Nessa tensão inflexível entre os fenômenos reconhecidos na poesia e a legitimidade a eles suposta ou renegada por Saussure no decorrer de seu trabalho em linguística, o saber da reiteração

fônica – bem como sua espécie de primado perturbatório observado pelo autor nas raízes do verso – teria de buscar suas bases noutra lugar que não na religião.<sup>4</sup> Talvez, pois, na intenção daquele que escreve? É justamente isso que ele chega a vislumbrar, como dá a ver na primeira carta escrita ao principal precursor do Modernismo na literatura italiana, o poeta e professor Giovanni Pascoli, no dia 19 de março do ano de 1909, em que Saussure indaga se acaso “certos pormenores técnicos que parecem observados na versificação de alguns modernos são puramente fortuitos ou são *desejados* e aplicados de maneira consciente” (Saussure, *apud* Starobinski, 1971/1974, p. 104).

Pascoli, ao que tudo indica, teria se calado a esse respeito – ou, talvez, tenha mesmo respondido com o silêncio que restara ao se dar conta de seu próprio desconhecimento da resposta. Em todo caso, réplicas que se satisfizessem com afirmar um mero “sim” à arbitrariedade, ou apostando tão somente na vontade daquele que escreve, ainda seriam paliativos; isso porque continuariam sendo mitigadas as implicações derradeiras da pesquisa anagramática, a partir da qual se pode admitir que a mensagem poética “não se constituiria apenas *com* palavras emprestadas à *língua*, mas também *sobre* nomes ou palavras dadas uma a uma”, o que conduz propriamente à conclusão, “implícita *em toda a pesquisa* de Ferdinand de Saussure, de que as palavras da obra se originam de outras palavras antecedentes” (Starobinski, 1971/1974, p. 107, grifos meus).

Contribui-se, então, com a formulação de um problema novo no que diz respeito ao poético: “não sendo poesia apenas o que se

---

<sup>4</sup> Vale ressaltar que, em 1906, a propósito do conjunto de poemas épicos medievais *Das Nibelungenlied* (A canção dos Nibelungos), o próprio Saussure advertiu, na primeira carta que escreveu a Antoine Meillet, que “o estudo não tem nada a ver . . . com a História das religiões”: “pessoalmente, combato toda origem mitológica; tanto que, caso se trate de religião, eu estou com as mãos abanando” (F de Saussure, *apud* Jakobson, 1971/1973b, p. 191).

realiza *nas* palavras, mas o que nasce *a partir* das palavras”, isso escaparia, portanto, à arbitrariedade da consciência para depender exclusivamente de “uma espécie de *legalidade linguística*”, nos termos de Jean Starobinski (1971/1974, p. 107, grifos meus). Desse modo, diferentemente das teorias que isolam o poético como um lugar de exceção, o trabalho de Saussure deles vai destoar fortemente, uma vez que faz daquilo que se passa na poesia “um deslizamento inerente a toda linguagem” (Gadet & Pêcheux, 1981/2004, p. 58). E se o procedimento poético dos anagramas verifica-se na língua, então a atenção de Saussure será entendida como algo que se orienta para o que Starobinski chamou de *trabalho de extração*; mediante essa tarefa, “as frases sucessivas são, por assim dizer, radiografadas: elas devem deixar aparecer a ossatura sobre a qual se constroem” (Starobinski, 1971/1974, p. 56) – deixar ver, pois, o que têm de estrutural. Extração, portanto, no nível do material poético, daquilo que a língua lhe havia trazido como germe.

Se, por um lado, Saussure chegou a afirmar que o “significante, sendo de natureza auditiva, desenvolve-se no tempo, unicamente, e tem características que toma do tempo: i) *representa uma extensão*, e ii) *essa extensão é mensurável numa só dimensão: é uma linha*” (Saussure, 1916/1972, p. 84), notamos haver aí, por outro, um corte que descreve ao menos dois níveis – corte a partir do qual se podem reconhecer, na língua, dimensões problematicamente concomitantes, desmembrando dela o anagrama ali entremeadado. Não é por menos que, muito embora Saussure tenha sido responsável por delinear um método que se mostraria de grande importância na história dos estudos linguísticos – assim como na das ciências humanas, de modo geral –, também o foi por apontar um caminho para desfazê-lo, de certa maneira. Ora, como observou Jakobson, o anagrama poético infringe as duas “leis fundamentais da palavra humana” que foram instituídas pelo próprio Saussure: “a do laço

codificado entre o significante e seu significado” e, justamente, “a da linearidade dos significantes”.<sup>5</sup>

Já ao nos depararmos, porém, com o conceito saussuriano de língua – se considerarmos seriamente que, a partir dele, recorrendo à noção de sistema diferencial, marca-se uma diferença pura precedendo as propriedades –, falar em estratificação seria um anacronismo: apesar de haver segmentação em jogo na proposta impressa no *Curso*, a noção de distintividade seria anterior a toda e qualquer classe, todo e qualquer nível.<sup>6</sup> Mas não podemos negligenciar, é claro, o caráter diminuto e evanescente dessa proposta no decurso dos estudos da linguagem no Ocidente. E isso pode ser observado se nos ativermos tanto ao que estava sendo desenvolvido paralelamente nos Estados Unidos (o estruturalismo americano, na esteira de Edward Sapir e Leonard Bloomfield, e, posteriormente, Zellig Harris); bem como à mudança de modelo marcada pelo trabalho de um orientando desse último, Noam Chomsky, depois do qual ficou definitivamente taxado que se estava retornando à configuração clássica: as propriedades precedendo a distinção – de tal forma que, na ordem da língua, não fosse mais verdadeiro que só haveria diferenças (Milner, 1992/2010, p. 188).

Isso já nos levaria a perguntar até que ponto, no seio dos estudos da linguagem, o conceito de *língua*, apesar de ter possibilitado a assunção de uma disciplina autônoma, seria mesmo capaz de se manter nesse lugar. Afinal, a linguística, ao acompanhar as

---

<sup>5</sup> Dito de outro modo, “os meios da linguagem poética encontram-se em condições de nos fazer ir ‘para fora da ordem linear’ (*Mercur de France*, 1964, p. 255) ou, como resume Starobinski, ‘sai-se do tempo da *consecutividade* próprio à linguagem habitual” (Jakobson, 1971/1973b, p. 200).

<sup>6</sup> Com Saussure, por exemplo, “não se diz mais que, em francês, /b/ é sonoro e que, por essa razão, é distinto de /p/; diz-se, inversamente, que /b/ é distinto de /p/ e que, somente por essa razão, ele pode ser dito sonoro” (Milner, 1992/2010, p. 186).

demandas dos modelos científicos vigentes, parece não ter podido abstrair a estratificação prévia à noção da diferença, nem sequer ver mais interesse ou condição de manter a singularidade de seu objeto – quer subsumindo-o à psicologia, quer afirmando que “o estudo da linguagem recai naturalmente no campo da biologia humana” (Chomsky, 1975/1980, pp. 33, 101).<sup>7</sup> No entanto, a suspeita de uma estratificação prévia às diferenças assombrava o próprio Saussure (Parret, 1993/1994); e como já adiantamos, aliás, o raciocínio aqui não é trivial: a oscilação em jogo para ele ecoará, por exemplo, nos impasses encontrados por Lacan em seu próprio percurso, ao longo do qual foram sempre caros os trabalhos do primeiro.

Segundo ele, “a relação entre o *corte do real* e o *corte da linguagem* parece, portanto, satisfazer, até certo ponto, aquilo em que, em suma, a tradição filosófica sempre se instalou, a saber, que se trata simplesmente da sobreposição de um sistema de cortes por outro sistema de cortes” (Lacan, 1958-1959/2016, p. 425). E, nesse sentido, é notória a tentação em ver aí uma anterioridade do real seguido por um assentamento do simbólico por sobre as curvas do seu relevo. Todavia, não precisamos avançar muito nos trabalhos de Lacan para chegar a um movimento contrário a essa conclusão, uma vez que, logo em seguida, nessa mesma sessão de seu Seminário, ele próprio aventará o que mais tarde<sup>8</sup> será estabelecido e mostrado de modo explícito em sua obra: que o percurso da ciência permite justamente formular que há algo que “vai muito além da noção de que os cortes naturais são sobrepostos pelos cortes de um discurso qualquer” (Lacan, 1958-1959/2016, p. 425).

---

<sup>7</sup> Sobre as transições em jogo no modelo chomskiano, com relação ao *Curso*, a respeito da produção de saber sobre a linguagem, cf. Milner (1973, pp. 9-28).

<sup>8</sup> A partir da figuração do nó borromeano e da indissociabilidade dos registros Real, Simbólico e Imaginário. Cf., por exemplo, Lacan (1974-1975).

Desse modo, mais que para uma alteração de rota, é para a convivência em sua obra de controversas definições do real que precisamos apontar: o *absolutamente sem fissura*, por um lado (Lacan, 1954-1955/1985a, p. 128); o *feito de cortes*, por outro (Lacan, 1958-1959/2016, p. 425). Oscilação que Lacan já havia acusado há tempos e exatamente na escrita de um poema, bem como na alternância de seu título, do grego ao latim:<sup>9</sup>

*Coisas, carreguem suor ou seiva no seu veio,  
Formas, tenham da forja ou do sangue vindo,  
Vossa torrente bate não meu devaneio,  
Não cessando o desejo, as vou perseguindo,*

*Atravesso voss'água, despenco no esteio  
Vai o peso do demo pensante gerindo;  
Só, cai no duro chão que tem do ser o enleio,  
No cego e surdo mal, no deus de senso findo.*

*Mas, se todos os verbos na goela definham,  
Coisas, vindo do sangue ou da forja tenham,  
Natureza – no fluxo elemental vou indo:*

*O que adormece em mim, vos edifica em cheio,  
Formas, carreguem suor ou seiva no seu veio,  
Vosso imortal amante, no fogo é que deslindo.*

A questão, portanto, se complexifica da seguinte maneira: se no real não há cortes – algo que se deixa perceber na linguagem, sobretudo em seus limites; ou seja, o real enquanto “estritamente impensável” (Lacan, 1974-1975, sessão de 10 de dezembro de 1974),

<sup>9</sup> De “Panta rhei” (Πάντα ῥεῖ / Tudo flui, 1929) a “Hiatus irrationalis” (Hiato irracional, 1933). Cf. Lacan (1929).

que não cessa de não se escrever –, a ciência vem revelar que há também um movimento oposto, em que se constata uma interferência no real. Algo de novo também pode aí se escrever, fazer corte, denunciando que a própria noção de real e a existência da linguagem são entre si coniventes, uma vez que “a ciência e sua ventura . . . não nos mostram o real remetendo seus próprios cortes a si mesmo, mas cortes que são os elementos criadores de algo novo” (Lacan, 1958-1959/2016, p. 425).

Essa complicação, retroagindo sobre as elaborações de Saussure e seu corolário, possui diversos efeitos, inclusive no entendimento da separação efetuada no *Curso* entre a língua e a fala. Afinal, a *língua* tenderia a ser igualada à própria possibilidade de se falar em *funcionamento estrático*, na medida em que os níveis, a linearidade, a consistência, a identidade e a isotopia conferidas por ela à linguagem constituem-se precisamente mediante a exclusão da fala – tomada como “o próprio encontro e entrecruzamento dos estratos”, nas palavras de Louis Hjelmslev (1954/1991, p. 78).

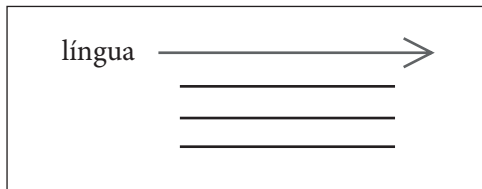


Figura 1.1

Sendo, “em última análise, tudo o que é arbitrário na linguagem”, portanto, a *fala* se definiria justamente “como o conjunto das *relações interestráticas* efetivamente executadas” (Hjelmslev, 1954/1991, p. 78, grifos meus). Desse ponto de vista, então, ela é uma esfera capaz justamente de se render à exposição da não linearidade, da inconsistência, da não identidade da língua consigo mesma e da heterotopia com a qual ela se traveste a depender de como se



a observa. Estamos, assim, diante do que se reconhece como uma das antinomias nos cursos de Saussure (Milner, 1978/2012, p. 51). E a fala, enquanto função que rompe com a suposta homogeneidade da língua, é colocada de lado, apesar de o próprio *Curso* apresentar inúmeras provas da sua importância.<sup>10</sup> No entanto, em seu percurso teórico, o que se pode depreender da oscilação saussuriana a respeito da anterioridade, ou não, da pura diferença impõe rever cabalmente o seu estatuto frente àquele do que se chama de língua.

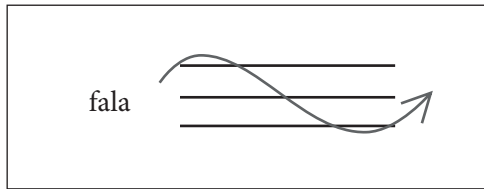


Figura 1.2

Considere-se o caso do anagrama, por exemplo. O “procedimento” revelado não ilustra um compromisso com um funcionamento *inestrático*:<sup>11</sup> o que pode se passar no texto anagramatizado, rente à natureza do poético em sua radicalidade de ruptura, sofre um esvaziamento pela revelação/atribuição da técnica. Isso porque a própria possibilidade de ler no verso uma outra coisa para além da primeira camada sonora – isto é, como vimos, o desvelamento da interação de cadeias fônicas que se perpassam – é, a bem dizer, a possibilidade de resolver, de lidar com a concatenação desenfreada do significante justamente por meio da prática de destrinchar as cadeias em questão a título de um nome. Muito pelo contrário, então, o anagrama já é uma resolução do funcionamento interestrático: um artifício no cumprimento da estabilização do aspecto fônico sedicioso – saída que se diferencia,

<sup>10</sup> Basta dizer que ali consta, por exemplo, a afirmação de que “é a fala que faz evoluir a língua” (Saussure, 1916/1972, p. 27).

<sup>11</sup> Inestrático, na medida em que se *opusesse* aos estratos já constituídos.

no entanto, por instaurar outra tópica (uma espécie de curto-circuito desses estratos); e por revelar, na própria língua, algo que denuncia a presença de um *Um* (palavra-tema) em torno do qual se organizam os sons nos poemas analisados.<sup>12</sup>

Se pensarmos em música, por exemplo, o reconhecimento do anagrama seria análogo à percepção, nos encadeamentos harmônicos, do modo ou da tonalidade em que uma obra foi composta – determinante de um conjunto de restrições e possibilidades vigentes nas escolhas das notas ao longo de toda a composição. O anagrama, no entanto, escancara o que há de não unívoco no processo de significação: o texto anagramatizado aponta tanto para o significado quanto para o nome (radical sonoro) que é seu estenograma, ao passo que na música a nota é, em si mesma, sua própria representação. Assim, como um lapso ou uma ambiguidade, o anagrama também não pode prescindir da presença dos estratos, uma vez que a inundação de sentido a que ele pode conduzir o sujeito é deles dependente, na medida em que percorre simultaneamente os caminhos marcados por esses estratos – sugerindo assim, a partir daí, a reorganização tópica da estratificação da língua, como mencionado há pouco.

Assumiremos, pois, não apenas a realidade desses anagramas, como também seremos levados a ratificar que “essa aparente ligeira aberração das convenções normais do *design* poético tem curiosas consequências”, e isso não apenas “para o modelo ortodoxo de forma e conteúdo em poesia”, mas para toda e qualquer operação

---

<sup>12</sup> Um *Um* que, espargido pelo poema, só pode ser captado em sua divisão. Vale lembrar que a questão do Um-dividido, elaborada pela teosofia de Jacob Boehme, reverbera em Lacan desde as suas elaborações sobre o estádio do espelho. Cf. Dufour (1998/1999). Em tempo: *Panta rhei/Hiatus irrationalis* é escrito, e talvez não por acaso, justamente no ano em que Alexandre Koyré – de cujo pensamento Lacan manteve muita proximidade, por vezes explicitada em seus trabalhos – publicava sua tese sobre a obra boehmiana.

linguística, como sustenta Richard Bradford.<sup>13</sup> Se, no entanto, em sua natureza despedaçada de presença/ausência, o anagrama mostra-se no poema como algo recuperável – e apenas existente, aliás – num contorcionismo da solução estrática, não é por isso que localizaríamos sua relevância apenas no nível do efeito; afinal, o hipograma que o terá instituído é “um *hypokeimenon* verbal”, uma coisa subjacente: “um *subjectum* ou uma *substantia* que contém em germe a possibilidade do poema” – a saber, uma possibilidade fônica (Starobinski, 1971/1974, p. 107). Assim, se o hipograma é padrão-causa e origina-se na língua em questão, é de se supor que ele possa evidenciar algo mais do entendimento saussuriano, tanto a respeito da própria natureza da língua por ele proposta quanto daquilo que dela se manteve ou caducou no estruturalismo europeu e na tradição americana.

Os anagramas sugerem que os estratos, apesar de constituírem a possibilidade do reconhecimento de unidades inclusive ao próprio falante – e garantirem, num segundo momento, lugar a construções teóricas –, operarão em seus limites sem negligenciar a natureza linguística como tal, que inclui as propriedades da fala enquanto lado executivo, singular, material do campo da linguagem. Desse modo, infere-se que a estratificação não apenas não impede a manifestação, na língua, da irrupção da substância; muito pelo contrário, elas *supõem uma a outra*. Afinal, parte-se do princípio de que não existe pensamento amorfo, pura substância – admitindo que não haja realidade psíquica pré-linguística –, tampouco pura forma,

---

<sup>13</sup> “Em certo sentido, o anagrama é uma extensão do uso do duplo caráter – a anterioridade é dada à natureza material do signo mais do que à sua função significante. Ao mesmo tempo é alçado um ato de significação que *curto-circuítamente o modelo comunicacional baseado no significante e no significado*: nós decodificamos um signo que está claramente inscrito nos padrões complexos de sintagma e paradigma, fonema e morfema, mas que, no sentido normal, não são registrados” (Bradford, 1994/2005, p. 38, grifos meus).

uma vez que o próprio reconhecimento do contrassenso já implica uma operação simbólica, uma demanda de significação não satisfeita.

Nessa direção, portanto, Saussure já denunciava que a complacência com a forma, em detrimento da substância, por mais que constitua a possibilidade de deixar emergir a estrutura – e, como tal, mereça receber investimento teórico –, encontra na linguagem os seus limites: afinal, “nunca nos compenetraremos o bastante dessa verdade, pois todos os erros de nossa terminologia, todas as maneiras incorretas de designar as coisas da língua provêm da suposição involuntária de que haveria uma substância no fenômeno linguístico” (Saussure, 1916/1972, p. 141). Veremos, aliás, que é justamente em conjuminação com a substância da fala que a suposição dos estratos será possível, na medida em que é a confusão dos mesmos, presentificando-se aí, que revela a sua existência. Dito de outro modo: ulteriormente é que se dá a conjectura de que algo da ordem da estratificação devesse ter estado presente naquilo que havia de estável antes da intrusão de um fenômeno de fala – e os estratos vão, assim, ter existido ali.

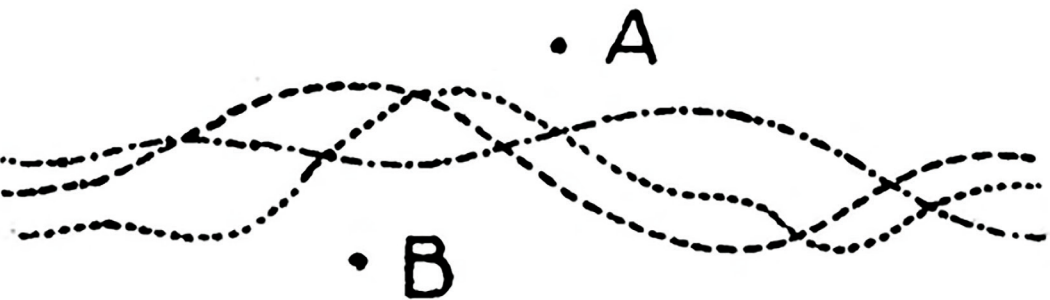
Podemos aventar, portanto, que a exclusão da fala dos domínios da linguística saussuriana seja não apenas a retirada do particular como custo da postulação do universal, mas a garantia possível à aposta na diferença, anterior às propriedades e aos estratos: a língua, como império da diferença, que a fala – mediante a presentificação do *corpo falante* – vem subjugar por meio de um ponto em que o sujeito se ancora, singular, cessando num átimo a pureza da total (in)diferenciação. Isso porque o sujeito se mostra presente na língua justamente “desestratificando, confundindo sistematicamente som e sentido, menção e uso, escrita e representado” – isto é, impedindo que “um estrato possa servir de apoio para desembaraçar um outro” (Milner, 1978/2012, pp. 21-22). Ele irrompe na cadeia significante,

mas é justamente *entre* os estratos que essa irrupção se dá;<sup>14</sup> o que então acontece é uma espécie de sobrestamento destes, devido a uma suspensão dos seus limites promovida pela fala, mas não propriamente uma violação – no sentido de um franqueamento, uma fratura qualquer, uma mudança topológica no arcabouço da estratificação. Seremos forçados, desse modo, a introduzir algumas diferenças no conceito de ponto de cessação; isso porque este, também chamado pelo autor de *ponto de poesia*, provoca uma suposta homogeneização desses fenômenos de fala com aquilo que se poderia supor ocorrer no âmbito do poético.

Proponho, assim, que a relação com os estratos no caso das irrupções subjetivas é diferente daquela em jogo na poesia, o que aponta para um outro estado de língua com o qual a segunda estaria relacionada – e, sobretudo, para uma outra relação colocada em cena entre o sujeito e o poético. Dito isso, distancio-me também aqui do entendimento aventado por Starobinski: apesar de se sustentar numa outra tópica dos estratos, diferente daquela em jogo na língua, não vejo razão para compreender a poesia como *fato de fala*, como afirmado pelo autor (Starobinski, 1971/1974 , p. 107). Naturalmente há de se relevar o fato de que ele escrevia sobre os anagramas de Saussure, e que o fenômeno anagramático, como foi dito, é entendido também aqui como fato de fala. Entretanto, cumpre não os confundir, já que *a poesia não é o anagrama*; e já que o hipograma, como havia assinalado o próprio Starobinski, é um “luxo inútil” que suplementa a obra na qual o percebem – se é que o percebem (Starobinski, 1971/1974 , p. 107).

---

<sup>14</sup> Assim, depreendemos inclusive que a língua em que tudo é pura diferença não guardaria espaço para o sujeito. E é justamente aí que vemos ocasião para situar, em certo sentido, aquilo que Lacan chamaria de *lalíngua* – ponto ao qual voltaremos adiante.



**Ainda que Souza Jr. confesse ser J.-C. Milner** quem o inspira a fazer do amor da língua um motivo para pôr a integridade desta à prova da poesia, quem rege as muitas vozes que no livro se cruzam para dizer da ruptura que a poesia opera na língua ou para testemunhar sobre a poesia são três figuras singulares no que diz respeito ao modo como responderam ao poético enquanto provocação. São eles dois linguistas insignes (F. de Saussure e R. Jakobson) e um psicanalista não menos insigne (J. Lacan): é a partir de cada um deles que o autor encara as entranhas do poético. E ele não deixa Jakobson falar sozinho, nem Lacan: coloca-os para conversar [...] com M. Foucault, J.-P. Brisset, com filósofos, poetas e loucos, sobre língua, linguagem e poesia. O autor se aproxima daqueles que se voltaram para o que há aí de perturbador não para colher deles um saber sobre o poético, mas como testemunhas do que na língua convoca a escutar *outra palavra*.

*Claudia Thereza Guimarães de Lemos,*  
no “Prefácio”

PSICANÁLISE

ISBN 978-65-5506-342-4

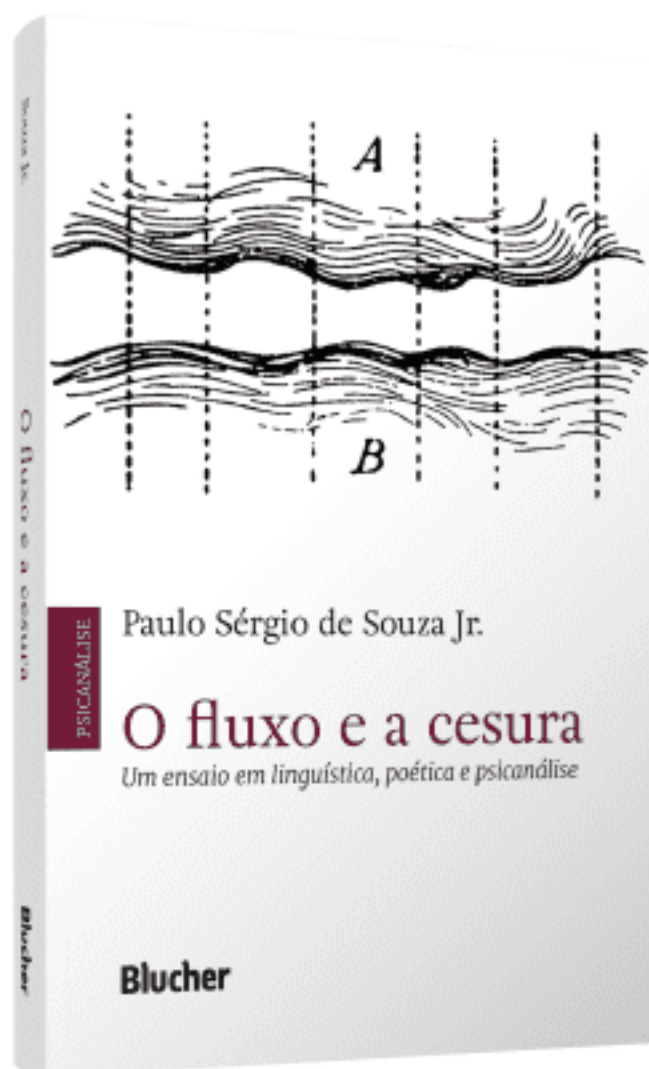


9 786555 106342 4



[www.blucher.com.br](http://www.blucher.com.br)

**Blucher**



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

## O Fluxo e a Cesura

Um ensaio em linguística, poética e psicanálise

---

Paulo Sérgio de Souza Jr.

ISBN: 9786555063424

Páginas: 182

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2023

---